

## A ANTIGA IGREJA DA LUZ DE PELOTAS-RS: APAGAMENTO E MEMÓRIA DE UM PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

ALINE DUVAL DA CUNHA<sup>1</sup>; ROBERTO HEIDEN<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [alineduvaldacunha@gmail.com](mailto:alineduvaldacunha@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [heidenroberto@gmail.com](mailto:heidenroberto@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A história de um lugar, como a do entorno da Igreja da Luz (Pelotas-RS), pode se entrelaçar com a vida cotidiana das pessoas, mesmo que muitos não a conheçam. Para alguns, esse templo pode ser apenas um ponto de referência, mas sobre aquele local persistem memórias que não foram totalmente apagadas. Conhecer essa história pode despertar um novo olhar sobre o local, convidando a sociedade a refletir sobre suas raízes e a importância dos lugares onde habitam. Esse é o tema do presente estudo, desenvolvido no âmbito do Projeto de Pesquisa intitulado “Histórias sobre arte, memória e patrimônio em Pelotas-RS”.

Para muitas pessoas, a atual Igreja da Luz é um local que atende às necessidades espirituais, além de ser um ponto de encontro, de celebração, de fortalecimento dos laços comunitários e, sobretudo, um espaço que cria um ambiente de vivência e fé. Porém, para alguns antigos moradores do “Bairro da Luz” esse local traz lembranças de uma antiga igreja que ali permaneceu por quase sessenta anos e que foi destruída para a construção da atual sede dessa instituição, sede esta que era considerada moderna para a época. Para eles, o ocorrido significou uma ruptura com um elo identitário que haviam construído com esse templo e seu entorno, e hoje, para essas pessoas, restam apenas memórias.

Segundo Candau (2006), apesar dos benefícios do “progresso” e da “modernização”, nesses processos, tem-se também a perda de referências culturais e a diluição das identidades. Halbwachs (1990) explica que a “memória coletiva” é um conceito central para se entender como grupos sociais constroem suas identidades e narrativas sobre o passado. Para ele, a memória não é uma reprodução do que realmente aconteceu, mas sim uma reconstrução que é influenciada pelas relações sociais e contextos culturais (HALBWACHS, 1990). Essas perspectivas demonstram a importância da memória coletiva para a formação da identidade comunitária, pois as lembranças que são compartilhadas podem estabelecer laços entre os membros de um grupo e fortalecê-los.

Dessa forma, com esse estudo, buscou-se evidenciar as memórias sobre a antiga Igreja da Luz e, ciente da polêmica em torno de sua renovação, identificou-se como questão de pesquisa quais motivações teriam embasado a substituição do edifício antigo e que tipo de apagamento de memória se deu junto a esse processo. Portanto, o presente texto tem como objetivo dialogar com o tema da valorização da memória em torno do processo de substituição do antigo edifício da Igreja da Luz por uma arquitetura moderna, com foco na história da antiga edificação e nas relações que a comunidade estabelecia naquela época com esse local.

### 2. METODOLOGIA

O trabalho teve início quando a autora deste estudo conheceu a história da destruição da antiga Igreja da Luz por meio de relatos de antigos moradores da

região, pessoas com mais de setenta anos, que lembraram da vida na comunidade. Esses depoimentos revelaram conflitos de memória que evidenciaram a importância da pesquisa. Assim, iniciou-se o estudo envolvendo a própria igreja, por meio de conversas com seus membros, além de uma investigação sobre a sua história. A pesquisa envolveu também uma revisão bibliográfica, entrevistas com antigas moradoras e frequentadoras da comunidade, além de consultas a fontes documentais, como antigos jornais, almanaques e o livro tomo da igreja, considerando-se temas relativos à história de Pelotas e da própria Igreja da Luz.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1821, após recuperar a visão, supostamente por uma graça alcançada por via de orações a Nossa Senhora da Luz, o capitão de barco José Fernandes da Victória mandou construir a Ermida da Luz, em um terreno adquirido por João José Teixeira de Araújo, localizado no chamado "Bairro da Luz". A licença para essa construção foi concedida pelo vigário geral, Cônego Antônio da Soledade. Em 1899, foi lançada a pedra fundamental para a construção da Paróquia da Luz, sendo o templo inaugurado em 1912. (RUBIRA, 2012, p. 326-327). O planejamento da obra foi noticiado, por exemplo, no Diário de Rio Grande de 13/03/1900, quando se falava sobre a aquisição dos materiais. A igreja foi utilizada para os fins a que se destinava até a década 1960, realizando casamentos, batizados e missas, entre outras atividades, até a decisão da construção de um novo templo.

Na década de 1960, a Paróquia Nossa Senhora da Luz teve sua cerimônia tradicional de lançamento de pedra fundamental projetada pelo engenheiro arquiteto Plínio Oliveira de Almeida e encaminhada no dia 13 de dezembro de 1967. “[...] obra que dará àquela zona urbana um dos mais belos e modernos templos católicos do Estado” (DIÁRIO POPULAR, 13/12/1967, p. 01).

Segundo o Livro Tombo da Igreja da Luz, para avaliar a decisão da construção da nova igreja, em meados de 1965, o pároco José Schramm reuniu o Conselho Paroquial que era composto por representações paroquiais tais como a do presidente da Congregação Mariana das Senhoras e os presidentes do Pão dos Pobres, da confraria Vicentina da Nossa Senhora da Luz e a Comissão do Dízimo. Encontra-se o registro no Livro Tombo das palavras do referido pároco: “Aos presentes disse que a ideia não era minha, mas bastante antiga da paróquia. Todos foram unânimes em concordar com a ideia exposta” (SCHRAMM, apud LIVRO TOMBO, 1967). Em abril de 1967, o pároco José Schramm realizou uma reunião no Clube Brilhante (Pelotas-RS) com paroquianos para tratar da construção da nova matriz, não ficando decidida a comissão responsável para tratar do assunto. Segundo o Livro Tombo, manifestou o pároco que: “Quando assumi na qualidade de Pároco a Paróquia de Nossa Senhora da Luz verifiquei desde logo a necessidade de se analisar a nova igreja matriz, reformando a atual igreja ou construindo uma nova” (SCHRAMM, apud LIVRO TOMBO, 1967).

Ao assumir a posição de pároco na antiga Igreja da Luz no ano de 1965, o então padre Schramm descreve no livro Tombo como se encontrava o entorno:

Tem-se a impressão de um quarteirão bastante abandonado. [...] um espaço livre na frente da igreja medindo 59 metros de comprimento cercado de muro com grades de ferro. Neste espaço encontra-se apenas capim sem cuidado especial. A seguir está construída a igreja matriz com uma pequena sacristia construída posteriormente. Após a igreja um corredor leva à casa canônica construída no tempo dos padres franciscanos. Depois da casa paroquial está uma área cultivada com

hortaliças e diversas árvores frutíferas. Há necessidade de uma apresentação melhor deste conjunto para condizer com o crescimento e embelezamento da zona (SCHRAMM, apud LIVRO TOMBO, 1967).

Para decidir entre a reforma ou a construção de um novo prédio para sediar a Igreja da Luz, o padre Schramm consultou o professor Adail Bento Costa, questionando-o sobre o valor artístico da antiga estrutura. Conforme o registro no Livro Tombo da comunidade: “A opinião do mesmo professor foi de que a atual igreja não tinha valor artístico notável e nem valor histórico e também não comportava algum aumento notável” (SCHRAMM, apud LIVRO TOMBO, 1967). Segundo o padre, a aceitação por parte da comunidade teria sido unânime e ele então procurou em Porto Alegre o engenheiro arquiteto Plínio Oliveira de Almeida para o projeto. O pároco tinha em mente não apenas a edificação da igreja, mas também a criação de um conjunto que incluiria a nova matriz, a casa paroquial, além de um clube paroquial (SCHRAMM, apud LIVRO TOMBO, 1967).

Com a pesquisa, buscou-se aprofundar a compreensão dos registros documentais acima mencionados, por meio de entrevistas. Perceberam-se algumas contradições entre informações documentais e as memórias dos antigos frequentadores da antiga igreja demolida. Se para alguns entrevistados a estrutura teria passado por um incêndio, ocasionando perdas na estrutura, para outros, o teto estava infestado por cupins, tornando a manutenção mais onerosa do que a reconstrução. Porém, os fiéis relatam que o pároco era um apreciador da modernidade e que tomou decisões unilaterais. Segundo algumas moradoras que viveram no entorno da antiga igreja da Luz, a decisão não foi de total aceitação da comunidade. Nesse sentido, buscaremos detalhar algumas dessas narrativas.

Em entrevista realizada com a senhora Terezinha de Jesus da Rosa Martins (2024), de 92 anos, enquanto a mesma residira na Rua Barão de Azevedo Machado, entre Andrade Neves e General Osório, durante o início da década de 1950, até meados dos anos 2000, nos deparamos com saudosismo e tristeza.

Frequentei a igreja da luz a partir de 1958, quando mudei com minha família para a zona norte. Íamos à missa, era uma igreja pequena, porém muito bonitinha. Tínhamos que chegar cedo, pois se atrasássemos ficávamos em pé. Certo dia, nos informaram que iriam construir uma igreja mais moderna no lugar da antiga. Sentimos uma pena imensa, eu, meu marido e minhas duas filhas. Inclusive, deixamos de frequentar a igreja nova por um bom tempo, pois não nos sentíamos confortáveis naquele espaço. [...] Depois de alguns anos, resolvemos voltar a assistir à missa na nossa comunidade, mas nunca foi a mesma coisa. (MARTINS, 2024).

Também nos concedeu entrevista a senhora Rosane Abib de Castro (2024). Ela nasceu e cresceu no entorno da Igreja da Luz e relembra memórias de infância: relata que seus pais, Luiz e Maria de Castro, eram membros ativos na comunidade, além de seu avô, Alexandre, que era responsável pelo controle financeiro da igreja. Rosane nos relatou que por vezes existiam desentendimentos entre seu avô e o padre Schramm, dada a forma imperativa como o pároco se colocava:

Eu era pequena, mas me lembro da igreja vagamente, nós ficávamos brincando na parte de fora da igreja quando o pai e a mãe iam à missa, era arborizada e tinha uma cerca em toda a volta uma grade [...]. E a igreja era muito bonita, a arquitetura dela não sei te dizer como que era, não sei classificar, mas era muito cheia de detalhezinhos, muito bonita, eu gostava e me sentia muito bem dentro da igreja (CASTRO, 2024).

Ao compartilhar suas lembranças sobre a história da igreja, Castro (2024), nos oferece um relato valioso sobre as dinâmicas do passado local. O papel de seu avô, Alexandre José Abib, como responsável financeiro da igreja, revela a importância de sua figura na comunidade. O desentendimento entre ele e o pároco Schramm evidencia conflitos de interesse e de influência que ocorrem muitas vezes em instituições religiosas. A experiência de Rosane não apenas ilumina a história familiar, mas também conecta memórias pessoais a um contexto social mais amplo, mostrando como as relações interpessoais moldam a vida comunitária.

#### 4. CONCLUSÕES

A Igreja da Luz é um testemunho da história local, onde memórias coletivas se entrelaçam com as vivências diárias dos pelotenses. A substituição do antigo edifício da Igreja por uma construção moderna revela a complexa intersecção e conflito entre memória coletiva e inovação urbana. A antiga edificação não apenas desempenhava um papel central na vida da comunidade, mas também ajudou a moldar o sentido de identidade e continuidade local. Embora a modernização tenha trazido benefícios, o estudo mostrou que é importante se respeitar o valor histórico e emocional dos edifícios antigos. Valorizar esse tipo de memória garante que as mudanças urbanas não apaguem as raízes culturais de uma comunidade. Portanto, um equilíbrio cuidadoso entre preservação e inovação é crucial para honrar o legado histórico enquanto se adapta às necessidades contemporâneas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RUBIRA, Luís (Org.) **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. v. 1. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2012.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2006.

**Capella da Luz. – Vão recomeçar brevemente as obras dessa capella, para o que já está sendo conduzido o material**. Diário do Rio Grande, 13/03/1900. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

**CASTRO, Rosane**. Entrevista concedida para Aline Duval da Cunha em Pelotas, em 10 de abril de 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990

**MARTINS, Terezinha**. Entrevista concedida para Aline Duval da Cunha em Pelotas, em 09 de abril de 2024.

**LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ (1967-1992)**.

**OBRA QUE DARÁ ÀQUELA ZONA URBANA UM DOS MAIS BELOS E MODERNOS TEMPLOS CATÓLICOS DO ESTADO**. Diário Popular, 13/12/1967, Capa. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.